

Os docentes e a biblioteca escolar: uma relação necessária

Ângela Balça & Maria Adelina Fonseca

Resumo

Numa sociedade caracterizada por um crescimento ilimitado de informação, possibilitada pelas modernas tecnologias, há que necessariamente repensar o papel das Bibliotecas Escolares. O presente estudo, descritivo com levantamento de dados, aborda a temática das relações entre a Biblioteca Escolar e os Docentes de uma Escola Secundária com 3.º Ciclo. Os objectivos do estudo eram averiguar as formas de apropriação da utilização, por parte dos docentes, da Biblioteca Escolar; apurar outras possibilidades de integração / articulação da Biblioteca Escolar no desenvolvimento do currículo e das suas práticas; e saber qual a posição dos professores sobre indicadores que o Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares propõe no âmbito da articulação curricular da Biblioteca Escolar com as estruturas pedagógicas e os docentes. Com o desenvolvimento do estudo verificou-se que os professores consideram que utilizam a biblioteca de uma forma mais participada, diversificada e frequente do que realmente acontece. Quanto à aplicação do Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares, existe um quadro favorável à sua aplicação na Escola em estudo.

Palavras-Chave

docentes; biblioteca escolar; relação; desenvolvimento curricular; auto-avaliação.

As bibliotecas escolares em Portugal

O presente artigo baseia-se numa investigação realizada no âmbito de um Mestrado em Educação - Variante de Supervisão Pedagógica e aborda uma temática relacionada com as Bibliotecas Escolares e a relação que os docentes estabelecem com ela. A focalização nesta relação foi sugerida, por um lado, pela ambiência actual da sociedade de informação, suportada pelas modernas tecnologias, que permitem um crescimento ilimitado e intenso da informação, aliada à diversidade de meios de difusão e à facilidade de acesso, o que implica grandes mudanças na Escola e na Biblioteca. Por outro lado, o aparecimento, em 2008, de um Modelo de Auto-avaliação de Bibliotecas Escolares, que preconiza uma maior envolvimento e utilização das Bibliotecas nas Escolas, obriga necessariamente a uma intensificação de uma relação biunívoca entre os professores e a Bibliotecas Escolares. Este modelo teve origem no Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, que coordena a Rede de Bibliotecas Escolares portuguesas, programa que surgiu através do Despacho Conjunto n.º 184/ME/MC/96, de 27 de Agosto. A avaliação das Bibliotecas Escolares é um campo novo de actuação, em Portugal, visto que, até recentemente, as grandes preocupações dessas bibliotecas prendiam-se com questões de integração na Rede de Bibliotecas Escolares, funcionamento, dinamização e gestão. De acordo com Silva e Filipe (2008, p.2),

Integrar a biblioteca nas práticas lectivas, articulando-a com o currículo e colocando-a ao serviço do processo formativo e das aprendizagens dos alunos é o grande passo em frente que se espera das bibliotecas escolares neste momento em que estão já resolvidas questões como o espaço e os recursos e se perspectiva a existência de recursos humanos em número suficiente a partir do próximo ano.

Na educação, já desde o século passado, num quadro construtivista, tem-se assistido a uma contestação da escola tradicional, transmissiva, estando a ênfase agora centrada numa escola que implica activamente todos os intervenientes do acto educativo, no sentido de se tornar um centro de aprendizagem, uma comunidade de aprendizagem. Assim, é solicitado à escola que desempenhe um papel privilegiado na construção de conhecimentos e na promoção de competências, atitudes e valores susceptíveis de assegurar aos futuros cidadãos um papel consciente e interventivo na sociedade. A informação aparece agora "como o elemento fundamental que participa destes processos de mudança" (Canário, Barroso, Oliveira & Pessoa, 1994, p.13).

Nesta sociedade da informação, a modificação dos paradigmas de ensino têm vindo a contribuir para um maior reconhecimento do papel das Bibliotecas

Escolares enquanto centros de recursos e espaços inovadores de aprendizagem no interior dos estabelecimentos de ensino. Assim, é fundamental que as Bibliotecas Escolares se constituam como um grande centro disseminador da informação, de produção em diferentes suportes, "de cultura e de formação" (Silva, 2000, p.97). Enfim, "um centro de iniciativas, inseridas na vida pedagógica da escola e aberto à comunidade local" (Veiga, Barroso, Calixto, Calçada & Gaspar, 1996, p.16).

Uma das medidas da política educativa nacional, que envolveu o Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Cultura, foi a criação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares, em 1996, tendo como objectivo principal a instalação de bibliotecas escolares nas escolas de todos os níveis de ensino. Na história das bibliotecas, verifica-se que os livros e outras fontes escritas eram utilizados para auxiliar o professor na disseminação do conhecimento –

"A integração geral da biblioteca escolar e das suas fontes no curriculum é, contudo, muito mais recente e desenvolveu-se a partir de dois factores principais, por exemplo, a mudança de metodologia da educação baseada na pesquisa, como aprendizagem dos estudantes e um aumento na disponibilidade das fontes de informação que podem ser úteis no conjunto da educação" (Hannesdóttir, 1995, p.11).

Segundo Veiga *et al.* (1996), as bibliotecas escolares surgem como recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído um papel central em domínios tão importantes como: (i) a aprendizagem da leitura; (ii) o domínio dessa competência (literacia); (iii) a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura; (iv) a capacidade de seleccionar informação e actuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje são postos à disposição das pessoas; (v) o desenvolvimento de métodos de estudo, de investigação autónoma; (vi) o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística. Assim, de acordo com os mesmos autores:

"Estudos sobre literacia, nacionais e internacionais, têm vindo a demonstrar que existe uma relação estreita entre a acessibilidade a espaços e recursos de leitura e o nível de desempenho dos alunos... sendo também esses países que registam níveis mais elevados de desenvolvimento cultural e científico. No mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto." (Veiga *et al.*, 1996, p.15).

A integração na Rede de Bibliotecas Escolares tem dado, sem dúvida, um grande contributo e identidade às bibliotecas escolares do ensino básico e secundário, sobretudo através da consolidação de uma premissa central: o de que a biblioteca escolar constitui um contributo essencial para o sucesso educativo, sendo um recurso fundamental para o ensino e para a aprendizagem. De facto, a vontade política expressa nos documentos com origem no Ministério da Educação e no Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares de nada servem se não houver intervenções a partir do interior das escolas. É aqui que reside a principal preocupação em implicar todos os intervenientes, a necessidade de um envolvimento efectivo da comunidade educativa: alunos, professores, funcionários, pais, encarregados de educação... Torna-se também essencial que se formem professores e funcionários na área de biblioteconomia, valorizando-se os cargos do professor bibliotecário / coordenador e do funcionário da biblioteca, pois não se pode esperar que a rede funcione sem profissionais especializados (Vitorino, 2001).

O trabalho a desenvolver passa pela criação de condições físicas para a existência e alargamento de Bibliotecas Escolares, pelo seu enriquecimento e apetrechamento com material mais actual e adequado, pela existência de programas normalizados de gestão da base de dados, pela integração natural da BE nas práticas lectivas dos docentes, pela dinamização, pela formação, e pela implementação de uma cultura de práticas de monitorização e avaliação.

Para objectivar a forma como se tem vindo a concretizar o trabalho das Bibliotecas Escolares, conhecer o impacto que as actividades realizadas por elas e com elas vão tendo no processo de ensino e aprendizagem, bem com o grau de eficiência dos serviços prestados e da satisfação dos utilizadores, surgiu, em 2008, o Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares. Devido às diferentes vertentes das dimensões deste modelo, este estudo focaliza-se essencialmente no aspecto da relação e envolvimento dos Docentes com a Biblioteca, nomeadamente no aspecto da articulação curricular. Canário (1998) aponta a via do Projecto Educativo para operacionalizar esta articulação. No entanto, o mesmo autor, também, refere que é na forma de se concretizar essa articulação que reside uma das principais dificuldades identificadas nas experiências portuguesas.

As Bibliotecas existem nas escolas, e são vários os estudos em Portugal que apontam para uma considerável utilização por parte dos alunos (Alves, 2000, Silva 2002, Conde, 2006)... Se as Bibliotecas já ganharam os alunos, o que acontece com os professores? Qual a real e efectiva relação dos Docentes com a Biblioteca? Conhecem o seu horário e os seus documentos orientadores (por exemplo, o Plano de actividades/acção, o Regulamento Interno, o Modelo de

auto-avaliação...)? Recomendam a Biblioteca aos seus alunos? Utilizam - na quer individualmente quer com os alunos? Como a utilizam? Consideram a sua existência importante, podendo contribuir para a aprendizagem e para o sucesso educativo dos alunos? Qual o grau de concordância com os indicadores apontados pelo Modelo de Auto-avaliação de BE, no que diz respeito ao apoio ao desenvolvimento curricular? Que modalidades e que tipo de trabalho gostariam de realizar em articulação com a BE no desenvolvimento do currículo? Estas são algumas das questões a que o presente estudo procura responder, no contexto de uma Escola Secundária com 3.º ciclo numa localidade do Alentejo.

Os desafios e oportunidades das Bibliotecas Escolares

Os dias de hoje são caracterizados pela "Sociedade de Informação". A evolução do paradigma tecnológico e das implicações profundas no acesso, uso e comunicação da Informação, obrigam e obrigarão as Bibliotecas Escolares a passar por grandes mudanças e transformações. Todd (2001), referenciando um estudo onde se perguntou a professores bibliotecários quais os desafios mais importantes, no momento actual, verificou que apontaram, em primeiro lugar, o impacto da tecnologia da informação na biblioteca e o papel do professor – bibliotecário. Assim, preparar os estudantes para enfrentar os desafios do século XXI passa, prioritariamente, pela necessidade de solidificar e integrar a literacia da informação nas práticas curriculares das escolas onde a biblioteca terá um papel relevante. De acordo com Todd (2006), os alunos reconhecem que quando as bibliotecas têm responsabilidades com formação, nomeadamente em literacia da informação, que colaboram com os alunos e professores no sentido de transformar a informação em conhecimento, estão a contribuir para o seu sucesso educativo e para o desenvolvimento das literacias imprescindíveis nesta sociedade.

Todd (2001), de forma sintética, objectivou as transformações por que passam as bibliotecas escolares actualmente: "-Knowledge space, not information place - Connections, not collections; - Actions, not positions; - Evidence, not advocacy".

O contexto de trabalho de uma biblioteca e, conseqüentemente, dos professores bibliotecários mudou significativamente nas últimas décadas com a explosão da produção de informação e desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Desta mudança, decorreu também uma alteração da filosofia e prática educacional, privilegiando os resultados da aprendizagem, de uma aprendizagem baseada na pesquisa (*resource-based learning*), na prática baseada em evidências (*evidence based practice*) e na responsabilização das escolas (Lonsdale, 2003). Vários estudos, essencialmente elaborados noutros

países, mostraram uma relação positiva entre bibliotecas escolares e o desempenho dos alunos. De acordo com Lonsdale (2003, p. 6), este impacto só se vai concretizar se a biblioteca:

- executar um programa consistente, financiado e apoiado por pessoal suficiente e com forte liderança;
- existir uma forte rede informática, conectando os recursos da Biblioteca com a sala de aula e com os laboratórios;
- apostar nas relações de colaboração com os professores,
- possuir uma colecção com qualidade;
- implementar um ambiente "rico" no âmbito da literacia de leitura, da literacia da informação...;
- providenciar um sistema de tutoria para alunos carenciados;
- possuir recursos humanos qualificados;
- cooperar com outros tipos de bibliotecas, especialmente bibliotecas públicas entre outras."

Na continuação desta reflexão, o mesmo autor, refere que é necessário integrar a literacia da informação no currículo como forma de contribuir para a mestria dos alunos na procura de informação, melhorando a sua auto-estima, a sua confiança, a independência e sentido de responsabilidade em relação à sua própria aprendizagem.

A literacia da informação, de acordo com Calixto (2009), pode ser entendida como a "capacidade para avaliar a informação em diversos media, reconhecer quando a informação é necessária; localizar, sintetizar, e usar a informação com eficácia; e realizar estas funções usando a tecnologia, redes de comunicação e recursos electrónicos" (p.18). Neste contexto, alteraram-se as formas de procurar fontes de conhecimento e as concepções tradicionais da colecção. Por colecção, entende-se um conjunto de recursos documentais, de vários tipos e em diferentes suportes (livro, não livro e documentação on-line), de acesso local ou remoto, geridos pelos responsáveis, que no caso de uma biblioteca escolar se dirige para o desenvolvimento da acção pedagógica, em articulação com o currículo e a sala de aula, para a promoção da leitura e a formação dos utilizadores.

Assim, a colecção de uma biblioteca estende-se para o exterior do seu espaço físico, constituindo cada vez mais um conjunto de recursos dinâmicos em que o responsável pela sua gestão deve actuar como intermediário no acesso, selecção, e avaliação dos recursos. O contexto pedagógico suscita práticas colaborativas entre os responsáveis pela gestão e desenvolvimento da colecção e os professores das diferentes áreas disciplinares que sustentam o ensino e a aprendizagem nos recursos.

Lonsdale (2003), numa revisão da literatura em contexto internacional, que realizou sobre o impacto das bibliotecas escolares no desempenho dos alunos

acabou por constatar as deficientes condições a que estão sujeitas muitas bibliotecas, nomeadamente: a redução do número de professores bibliotecários e a atribuição de outras responsabilidades para além das suas. No entanto, também recolheu um conjunto de evidências que apoiam a contribuição da biblioteca escolar nos resultados dos alunos, quando existe um enorme nível de cooperação entre aquela, os docentes e os alunos e quando o professor bibliotecário tem formação, uma atitude forte de liderança e uma atitude pró-activa. Também Hannesdóttir (1995) identifica três factores gerais essenciais para que os bibliotecários escolares sejam capazes de desenvolver e pôr a funcionar programas efectivos de bibliotecas escolares: possuir formação em bibliotecas, em gestão e ensino que, aqui, "significa o interface com os professores nos seus papéis de educadores a fim de desenvolverem utilizadores efectivos de informação" (p.13). Segundo o mesmo autor, citado por Calixto (2009, p. 47), as competências do bibliotecário escolar passam pela "capacidade de planear e desenhar em cooperação com o professor e estudantes, actividades e trabalhos baseados na informação que apoiem o projecto educativo da escola, incluindo as tecnologias de informação e as fontes disponíveis através de canais electrónicos".

A biblioteca escolar tem passado por transformações assinaláveis resultantes da evolução do paradigma tecnológico e das implicações profundas no acesso, uso e comunicação da informação. Assim, pode-se então dizer que passaram de espaços organizados com recursos destinados ao acesso da informação e ao lazer a espaços de trabalho e de construção de conhecimento (Todd, 2001).

Deste modo, como reforço das políticas que se vêm implementando no sentido de valorizar as Bibliotecas Escolares, refira-se a Portaria n.º 756/2009, de 14 de Julho, que criou a figura do professor bibliotecário e o Despacho n.º 700/2009, de 9 de Janeiro, que aprovou o modelo orgânico e operacional relativo à execução do Plano Tecnológico da Educação (PTE) ao nível da escola. A grande novidade é que o coordenador da biblioteca escolar passou a integrar a composição dessa equipa PTE, o que sendo uma mais valia para a Biblioteca Escolar, implica o alargamento do nível de competências do professor bibliotecário, alterações ao nível das condições estruturais (recursos humanos e materiais) e a mudança de práticas implicadas. Assim, cada vez mais, no contexto da autonomia das escolas, estão criadas condições que responsabilizam as próprias escolas pela efectiva e real apropriação e utilização plena da Biblioteca Escolar. Os professores bibliotecários, cada vez mais, terão de apostar na formação especializada e contínua, serem prospectivos, interventivos e desenvolverem uma postura de investigação.

O Director da escola, enquanto "líder educativo", e elemento crucial na construção de enquadramento e ambiente para o desenvolvimento do *currículum*,

deve estar ciente da importância de um serviço eficaz de biblioteca escolar, encorajar a sua utilização e assegurar uma Equipa para a Biblioteca, de acordo com os documentos orientadores da RBE -

“O(a) director(a) deve trabalhar de perto com a biblioteca na elaboração dos planos de desenvolvimento da escola, especialmente nas áreas da literacia da informação e dos programas de promoção da leitura. No momento da concretização das planificações, o director deve garantir uma gestão flexível do tempo e dos recursos para permitir aos docentes e aos alunos o acesso à biblioteca e aos seus serviços (...) e ainda assegurar a cooperação entre a equipa docente e a equipa da biblioteca” (IFLA/UNESCO, 2002, p.16).

Os coordenadores de departamento, como elementos responsáveis pela gestão dos departamentos, devem cooperar com a Biblioteca Escolar, de forma a assegurar que ela contenha os recursos de informação e serviços necessários e específicos das suas áreas disciplinares e envolver a BE no desenvolvimento do currículo através das suas planificações. Os professores devem cooperar com os professores bibliotecários para que, em conjunto, optimizem o potencial dos serviços da biblioteca, tais como:

- desenvolver, instruir e avaliar a aprendizagem dos alunos ao longo do curriculum
 - desenvolver e avaliar as competências dos alunos em literacia da informação e em conhecimento da informação
 - desenvolver planificações de actividades lectivas
 - preparar e conduzir programas de leitura e eventos culturais
 - integrar tecnologias de informação no curriculum
 - explicar aos pais a importância da biblioteca escolar”
- (IFLA/UNESCO, 2002, p.12).

Para a existência de um Modelo de Auto-Avaliação para as Bibliotecas Escolares

Segundo Fuentes (1999), a avaliação é uma acção conjunta, “(...) la evaluación es un proceso global y globalizado que se refiere a una actividad – en este caso, biblioteca, centro de documentación o sistema bibliotecário o documental – en su conjunto y a todas y cada una de las fases que componen dicha actividad” (p.22). Continuando na linha apresentada por este autor, pode-se então dizer que a avaliação tem que estar contemplada logo no primeiro momento em que se começa a trabalhar num “esboço do projecto”, pelo que se pode falar de uma “avaliação anterior ou prévia” (com incidência para a fundamentação teórica), de uma “avaliação simultânea com a prática” (que analisa diariamente as acções realizadas e reorienta e reorganiza o seu desenvolvimento) e de uma

“avaliação posterior” (que confronta os resultados obtidos com os planeados) no sentido de se ir construindo continuamente.

A área da avaliação é uma questão emergente e actual e vários autores, citados por McNicol (2004), pronunciaram-se sobre a necessidade e a importância de incorporar a auto-avaliação na escola. A auto-avaliação implica um processo de aprendizagem organizacional, potenciando o desenvolvimento de competências de gestão, recolha, análise e aplicação de informação. Neste contexto, a biblioteca, como um serviço/organização da escola não se pode demitir deste processo. A auto-avaliação tem de ser encarada como um processo regulador e formativo, tendo em vista a detecção das áreas a melhorar, ou seja, avaliar para melhorar.

De acordo com Lonsdale (2003) e Conde & Martins (2009), diversos estudos, realizados nos Estados Unidos da América, no Canadá, Reino Unido ou na Austrália, países com um percurso e uma tradição maior nesta área, evidenciaram o impacto que bibliotecas bem apetrechadas com colecções adequadas e com condições e recursos humanos qualificados podem ter no sucesso educativo e nas aprendizagens dos alunos. A American Association of School Libraries conduz um inquérito anual, a nível nacional -“School Libraries Count!”, com o objectivo de recolher informação acerca da situação das bibliotecas escolares e das mudanças ocorridas (DGIDC/RBE, 2008).

Em Portugal, a avaliação e conhecimento da realidade das Bibliotecas Escolares, após mais de dez anos do lançamento do programa Rede de Bibliotecas Escolares, foi iniciada com o Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares (RBE, 2008). Desde que, em 1996, foi lançado o projecto de Rede de Bibliotecas Escolares - RBE (Veiga, et al., 1996), e de acordo com o documento RBE Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares (2008), cerca de 1800 escolas foram, até então, integradas e outras estão em vias de integração. Nesta fase, segundo a RBE, o aparecimento do Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares enquadra-se na estratégia global de desenvolvimento das Bibliotecas Escolares portuguesas, com o objectivo de facultar um instrumento pedagógico e de melhoria contínua que permita, na escola, avaliar o trabalho da Biblioteca Escolar e o impacto desse trabalho no seu funcionamento global e nas aprendizagens dos alunos. Este modelo apoia-se em “estudos internacionais”, que identificaram os factores decisivos para o sucesso da missão que tanto o Manifesto da Unesco/ IFLA como a declaração da IASL apontam para a Biblioteca Escolar – entre esses factores destacam-se os níveis de colaboração entre o/a professor/a coordenador/a da biblioteca escolar e os restantes professores “(...) na identificação de recursos e no desenvolvimento de actividades conjuntas orientadas para o sucesso do aluno; a acessibilidade e a qualidade

dos serviços prestados; a adequação da colecção e dos recursos tecnológicos” (Conde, Martins & Bastos, 2011, p.9). Esses estudos apontam para a necessidade de se estabelecer relações entre a qualidade do trabalho da e com a Biblioteca Escolar e os resultados escolares dos alunos.

O estudo - resultados, conclusões e reflexões

Este estudo, baseado numa investigação, no âmbito de um Mestrado em Educação, centra-se no problema de saber qual a relação que os professores de uma Escola Secundária com 3.º Ciclo estabelecem com a Biblioteca Escolar, no âmbito do desenvolvimento do seu trabalho curricular e levou-nos à opção pela selecção do inquérito como instrumento a implementar.

O questionário utilizado nesta investigação continha cinco perguntas abertas e trinta e oito perguntas fechadas. Estas últimas incluíam questões dicotómicas, de escolha múltipla com diferentes tipos de instrução, de ordenação e de gradação. A opção por se privilegiar as questões fechadas deveu-se ao facto da experiência nos indicar que a formulação de questões abertas, em questionários aplicados na Biblioteca Escolar, noutros contextos, ficavam na maioria em branco, sem resposta.

A população alvo foi constituída pelo conjunto de professores de uma Escola Secundária com 3.º Ciclo, no ano lectivo de 2008/09. A decisão da aplicação do questionário a todos os professores prende-se com os objectivos intrínsecos desta investigação, mas também tem a pretensão de envolver todos os docentes, como forma de despertar a atenção para a importância da utilização da Biblioteca Escolar, e simultaneamente aferir da concordância e receptividade dos docentes sobre indicadores do Modelo da auto-avaliação das BE, no que diz respeito à articulação curricular da BE com as estruturas pedagógicas e os docentes.

Ao longo deste estudo, nomeadamente na parte da fundamentação teórica, constata-se uma crescente consciencialização da importância das Bibliotecas Escolares, que está relacionada com a forma, também crescente, como tem vindo a ser tratada institucionalmente. Apesar deste ter sido um processo lento, o lançamento do programa da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), em 1996, foi, sem dúvida, o factor decisivo desta mudança, já que pretendia, e pretende ainda, integrar e criar condições para a existência e manutenção sustentada das Bibliotecas Escolares.

Em 2008, o aparecimento do Modelo de Auto-avaliação para as Bibliotecas Escolares, e a forma como tem vindo a decorrer a sua implementação - testagem, numa primeira fase em algumas escolas, reformulação de acordo com as experiências no terreno, a divulgação do modelo às direcções das escolas, atra-

vés das Direcções Regionais, e a preocupação em formar os principais intervenientes (os responsáveis pela Biblioteca na escola) sobre o mesmo - é sem dúvida indicativo de que as Bibliotecas nas escolas estão a conquistar o seu lugar e a ganhar uma visibilidade necessária ao desenvolvimento do seu trabalho. Entenda-se que, quando se fala de Biblioteca Escolar, neste trabalho, o conceito implícito diz respeito à disponibilização dos seus recursos físicos e humanos e ao desenvolvimento de um plano que articule e apoie os intervenientes, de acordo com o que está preconizado no modelo referido (A- Apoio ao Desenvolvimento Curricular, B- Leitura e Literacia, C- Projectos, Parcerias e Actividades Livres e de Abertura à Comunidade e D- Gestão da Biblioteca Escolar). Para culminar todo este processo, refira-se a legislação de Julho de 2009, que regulamenta a figura do professor bibliotecário e que parece vir criar condições e permitir um trabalho mais consistente da Biblioteca na escola. De referir, porém, as alterações legislativas introduzidas posteriormente pelas Portaria n.º 558/2010, de 22 de Julho, e Portaria n.º 76/2011, de 15 de Fevereiro, que podem conduzir a limitações no exercício da função de professor-bibliotecário.

Este estudo nunca teve a pretensão de uma generalização dos resultados, por se centrar no levantamento e estudo de uma situação particular numa Escola Secundária com 3.º ciclo. No entanto, pode constituir-se como um reservatório de pistas desencadeadoras de um processo de reflexão sobre o impacto que as bibliotecas exercem nas escolas, através dos docentes, nas aprendizagens e no sucesso dos alunos, como apontam as mais recentes tendências e estudos no âmbito das bibliotecas já mencionados anteriormente.

Como a Biblioteca Escolar onde se desenvolveu este estudo integrou a RBE em 2000, partiu-se do pressuposto de que a mesma tem as condições mínimas necessárias para poder ser utilizada pelos professores no desenvolvimento do seu trabalho e, a partir daí, perceber a teia de relações que afinal se estabelecem. Assim, no âmbito da problemática deste estudo pretendeu-se, essencialmente, perceber qual a relação dos Docentes com a Biblioteca Escolar, nomeadamente na sua integração com o desenvolvimento do currículo e a aceitação dos Docentes relativamente aos indicadores do Modelo de Auto-avaliação, no que diz respeito à articulação curricular da BE com as estruturas pedagógicas e os docentes.

Para responder aos objectivos do estudo, foi construído um questionário que articulava esses objectivos com as seguintes dimensões: I- Referências pessoais, II- Sobre Bibliotecas, III- Sobre a Biblioteca Escolar e IV- O Modelo de auto-avaliação das Bibliotecas Escolares.

Na dimensão I- Referências pessoais, a característica que parece mais influenciar a utilização da Biblioteca Escolar pelos docentes e, conseqüentemente, pelos alunos em situação de aula, é o grupo de recrutamento, já que determina

as disciplinas leccionadas. Assim, são os docentes dos grupos de recrutamento 300 (Português), 400 (História), 410 (Filosofia) e 290 (Educação Moral e Religiosa Católica) que mais utilizam a Biblioteca Escolar, o que vai ao encontro do que tradicionalmente está identificado na literatura (Canário & Oliveira, 1992 e Mardis & Hoffman, 2007). Os professores dos grupos de recrutamento de Economia e Contabilidade, Informática e Educação Física são os que utilizam menos a BE, logo seguido dos de Matemática, Ciências Físico - Químicas e Artes Visuais.

Na dimensão II - Sobre Bibliotecas, os docentes, de uma forma geral, possuem um conceito de Biblioteca na linha do que se pretende para ela, isto é, uma concepção virada para a disponibilização de informação, mas também um local de produção, formação e dinamização cultural. Constata-se, também, a partir das suas respostas, que estes docentes, durante o seu percurso escolar, foram grandes frequentadores de bibliotecas e que essa característica, apesar de sofrer um decréscimo, permanece actualmente. Pode-se mesmo dizer que os docentes frequentadores de Bibliotecas, durante o seu percurso escolar, terão mais tendência em utilizar a BE nas suas práticas e a envolver os seus alunos.

Na dimensão III- Sobre a Biblioteca Escolar, parece existir concordância quanto ao modo de apresentar os documentos que dizem respeito à Biblioteca Escolar; se são divulgados em reuniões ou grupos de trabalho, pela professora bibliotecária, existe um reconhecimento mais expressivo dos mesmos, do que simplesmente se forem divulgados e disponibilizados na página Web ou na Biblioteca Escolar. Associando este dado a um maior conhecimento dos documentos pelos membros da equipa, que são convidados a participar na sua própria elaboração, leva a concluir da necessidade de, futuramente, se envolver cada vez mais outros docentes também na elaboração destes documentos, fazendo convites para integrar a equipa de trabalho, solicitando opiniões e sugestões e utilizando as suas propostas.

Especificamente sobre a construção do Plano de Actividades da BE, que integra o Plano Anual de Actividades da Escola, que se constitui como um dos mais importantes documentos que operacionalizam o Projecto Educativo, cada vez mais é necessário articular as suas actividades com a Direcção, os Departamentos, os Conselhos de Turma e os responsáveis de Projectos e Clubes,... no sentido de se concretizar e deixar transparecer um verdadeiro trabalho colaborativo. Para toda esta articulação ser coerente, é necessário que o Projecto Educativo contemple, reconheça e valorize, de forma explícita, as potencialidades da utilização da Biblioteca Escolar e a sua contribuição para o sucesso educativo dos alunos.

Na procura da relação necessária a estabelecer entre os Docentes e a Biblioteca Escolar, tornou-se importante caracterizar a relação existente no que diz respeito ao aspecto da sua utilização. Confrontando os diferentes dados reco-

lhidos, considera-se que os docentes parecem possuir uma ideia generalizada de que utilizam e frequentam a biblioteca escolar mais intensamente do que na realidade acontece. Esta constatação vai ao encontro do que Alves (2000) aponta no seu estudo, isto é, os docentes apesar de reconhecerem as potencialidades da Biblioteca Escolar não a utilizam de acordo com a importância que lhe atribuem.

Os docentes, quando questionados sobre o que vão fazer e como utilizam a Biblioteca Escolar, elegem a requisição e a consulta de documentos. Quando se deslocam com as turmas, apontam principalmente as opções que implicam a utilização das TIC e a participação com a turma em actividades de dinamização do Plano Anual da BE, que se encontra integrado no Plano Anual da Escola.

Pretendendo-se aferir a que tipo de estratégias concretas as bibliotecas poderiam recorrer para promover uma ligação mais efectiva à sala de aula e à mudança das práticas, questionaram-se os docentes muito abertamente. Assim, sobre as sugestões / exemplos de formas e modalidades de trabalho que a BE poderia realizar em articulação com o trabalho dos docentes, quem responde, reporta-se essencialmente ao que já é habitual fazer: proceder a aquisições, apoio à pesquisa, disponibilização de materiais, dinamização da BE através da realização de sessões de leitura e de dramatizações, clube de leitura, concursos vários, *workshops*, palestras, debates, contacto com personalidades...

Confrontando-se a forma como se vem utilizando a Biblioteca Escolar com o desconhecimento da maioria dos docentes sobre os documentos específicos e orientadores das mesmas, como os referidos "Lançar a rede" e Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares, conclui-se que os professores não utilizam plenamente a Biblioteca Escolar nos actuais pressupostos dos vários documentos orientadores nacionais e internacionais, e no contexto de uma sociedade de informação e do conhecimento. Esta constatação remete para a necessidade de se repensar a formação nesta área, a qual, seja qual for a sua modalidade, deve ser dirigida não só aos professores bibliotecários mas também a todos os docentes, independentemente do seu grupo de recrutamento. Tal oferta formativa deve ter preocupações em incluir módulos que privilegiem estratégias que permitam depois aos docentes fazer a apropriação da BE numa integração natural com as suas práticas e privilegiar as potencialidades da Web. Entretanto, cabe ao professor bibliotecário ser o agente impulsor desta mudança, divulgando e organizando actividades que possam servir como exemplo na escola, ou chamando a ele próprio a responsabilidade de organizar sessões de (in)formação de utilizadores para professores que passe, para além da divulgação da colecção/organização da BE, por impulsionar a discussão e reflexão conjuntas de formas/modalidades de utilização da Biblioteca Escolar, e por implementar e

ensaiar estratégias que envolvam os professores. No entanto, mesmo existindo professores bibliotecários que possuam as competências e requisitos exigidos, terão sempre que ter na escola o apoio da Direcção e, principalmente, dos docentes, pois são estes últimos que determinam a utilização da Biblioteca Escolar durante os períodos de aula, já que actualmente os horários dos alunos são elaborados de modo a evitar períodos sem aulas, e também porque, quando falta algum professor, devido às aulas de substituição, os alunos estão ocupados.

Uma elevada receptividade a integrar a Equipa BE demonstrada pelos docentes, neste estudo, poderá ser indicativo duma tomada de consciência das potencialidades da Biblioteca Escolar. Porém, seria necessário aprofundar este aspecto em estudos posteriores.

Em relação às publicações da Biblioteca Escolar (jornal, boletim, blogue, página Web), concluiu-se que o facto de ser ou não gratuito não influencia a sua consulta. Todavia, o suporte em que a informação é disponibilizada, já poderá ser condicionador, com vantagens para o suporte em papel.

Na dimensão IV, sobre o Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares, existe um quadro favorável à sua aplicação nesta Escola. Especificamente sobre cada indicador/afirmação apresentada, prevalece uma opinião de concordância que o teste de Friedman permitiu hierarquizar, elegendo a divulgação dos materiais produzidos pela BE através dos seus meios de difusão, e logo a seguir a necessidade da Biblioteca Escolar se inteirar dos diferentes currículos e programas de estudo de todos os departamentos / grupos e aceitar a sua integração nas planificações.

Paralelamente ao objectivo de se averiguar da concordância da aplicação do Modelo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares para os indicadores propostos, pretendia-se simultaneamente preparar terreno para a sua implementação na escola, o qual se considera concretizado, já que ao aplicar o questionário sobre o qual se baseou este estudo a todos os professores da escola, também se chamou a atenção para a necessidade de uma articulação mais efectiva ou, pelo menos, para uma temática a reflectir e a considerar futuramente.

Recomendações

As recomendações deste estudo vão no sentido de que, neste processo de Auto-avaliação das Bibliotecas Escolares, deve ficar claro as reais condições que as Bibliotecas Escolares efectivamente possuem para o desenvolvimento do seu trabalho. Refira-se como exemplos: o apoio da Direcção Executiva, evidenciado na atribuição de um orçamento, na existência de um Projecto Educativo que valorize a sua Biblioteca, na criação de condições para a participação dos pro-

fessores bibliotecários nas diferentes estruturas, equipas e projectos, na constituição de uma equipa consistente e mais permanente e, a partir de agora, também na transparência do processo de designação e candidatura do professor bibliotecário.

Este trabalho debruçou-se sobre as bibliotecas escolares, em particular sobre uma Biblioteca Escolar de uma Escola Secundária com 3º Ciclo, e na relação que os docentes estabelecem com ela. Esta é uma relação necessária, essencialmente, como forma de se utilizar um serviço que existe na escola e que é necessário rentabilizar, de modo a apoiar-se o desenvolvimento curricular, como uma possibilidade de se diversificar práticas num contexto cada vez mais direccionado para uma auto construção do conhecimento, a partir da informação disponível nos mais diversificados suportes, como para a necessidade de se criar na escola um pólo dinamizador de uma cultura de leitura e da compreensão leitora, já que esta é essencial para a consolidação das aprendizagens nestes níveis de escolaridade e a base do sucesso educativo, como estratégia para a promoção do trabalho colaborativo na escola, como resposta para os níveis de exigência preconizados nos modelos de avaliação, em particular do Modelo de auto-avaliação de Bibliotecas Escolares para os seus domínios, como resposta às necessidades dos alunos, principalmente dos mais carenciados, como propostas de ocupação dos tempos livres e de lazer...

Este estudo nunca estará verdadeiramente concluído, pois cada escola é um caso e mesmo dentro de cada escola, todos os anos, os contextos são diferentes pelas mudanças que os diferentes intervenientes e o tempo imprimem.

Referências Bibliográficas

- Alves, M. (2000). *Intervenção da Biblioteca Escolar no Processo de Ensino -Aprendizagem: Estudo de Caso*. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Calixto, J. A. (2009). A biblioteca escolar e a literacia do século XXI. Disponível em <http://www.google.pt/search?hl=ptPT&source=hp&q=A+biblioteca+escolar+e+a+literacia+do+s%C3%A9culo+XXI+Calixto&meta=&aq=f&oq>, consultado em 26-09-09.
- Canário, R. & Oliveira, F. (1992). *Centro de Recursos Educativos da E.P. Marquesa de Alorna: frequência e modalidades de utilização pelos professores*. Lisboa: CRE da EPMA.
- Canário, R., Barroso, C., Oliveira, F. & Pessoa, A. M. (1994). *Mediatecas escolares. Gênese e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Canário, R. (1998). *Desenvolvimento de bibliotecas escolares e formação contínua de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Conde, E. (2006). *A integração das TIC na Biblioteca Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Conde, E. & Martins, R. C. (2009). Modelo de auto-avaliação da Biblioteca Escolar: Princípios estrutura e metodologias de operacionalização. *Newsletter nº5*. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/512.html>, consultado em 29-07-09.
- Conde, E., Martins, R., & Bastos, G. (2011). Modelo de avaliação da biblioteca escolar. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=83&fileName=mabe.pdf>, consultado em 21-10-11.

- DGIDC/RBE (2008). O Modelo de Auto-Avaliação das Bibliotecas Escolares: problemáticas e conceitos implicados. Disponível em <http://forumbibliotecas.rbe.min-edu.pt/course/view.php?id=47>, consultado em 20-12-09.
- Fuentes, J. J. (1999). *Evaluación de Bibliotecas y Centros de Documentación e Información*. Gijón: Ediciones TREA, S.L.
- Hannesdóttir, S. K. (1995). Bibliotecários Escolares: Linhas Orientadoras para Requisitos de Competência. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=Competencias.pdf>, consultado em 14-11-08.
- IFLA/UNESCO (2002). Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares. Disponível em http://www.rbe.minedu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf, consultado em 10-09-2008.
- Lonsdale, M. (2003). Impact of School Libraries on Student Achievement: a Review of the Research. Disponível em <http://www.asla.org.au/research/Australia-review.htm>, consultado em 01-08-09.
- Mardis, M. & Hoffman, E. (2007). Collection and Collaboration: Science in Michigan Middle School Media Centers. Disponível em http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/aasl/aaslpub-sandjournals/slmrb/slmrcontents/volume10/mardis_collectionandcollaboration.cfm, consultado em 22-05-09.
- McNicol, S. (2004) *Incorporating library provision in school self-evaluation*. Educational Review, 56 (3), 287-296.
- Silva, L. M. (2002). *Bibliotecas Escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Silva, M. & Filipe, M.J. (2008). Aprender com a Biblioteca. Newsletter n.º 4. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/408.html>, consultado em 29-07-09.
- Todd, R. (2001). IASL Conference Auckland, Nova Zelândia, 9-12 Julho. Disponível em <http://www.iasl-online.org/events/conf/virtualpaper2001.html>, consultado em 14-11-08.
- Todd (2006), It's all about getting 'A's. Disponível em <http://www.cilip.org.uk/publications/updatesmagazine/archive/archive2006/january/toddjan06.htm>, consultado em 29-07-09.
- Veiga, I. (coord.) Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T. & Gaspar, T. (1996). Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares. Disponível em http://www.rbe.minedu.pt/np4/?newsId=74&fileName=lan_ar_a_rede.pdf consultado em 29-07-10.
- Vitorino, M. J. (2001). Biblioteca escolar, com ou sem bibliotecário? Disponível em <http://www.apbad.pt/psembibliotecario.htm> consultado em 29-07-11.

Ângela Balça

Professora na Universidade de Évora. Investigadora do CIEP – Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.
apb@uevora.pt

Maria Adelina Fonseca.

Mestre em Educação, na área de Supervisão Pedagógica, pela Universidade de Évora. Professora - Bibliotecária na Escola Secundária com 3.º Ciclo de Vendas Novas.
adelinafonseca@iol.pt